

O Terrorismo e a Banalidade do Mal: O Egípto e Todos os Outros

*Terrorism and the Banality of Evil: Egypt and All Others*

*Terrorismo y la banalidad del mal: Egipto y todos los demás*

*Terrorisme et banalité du mal: l'Égypte et tous les autres*

Inácio Valentim

0000-0001-6207-0280

Doutor. Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, Huambo, Angola

Inaciovalentim82@gmail.com

Seria repetitivo e um muito dizer sem novidade, afirmar que o terrorismo tornou-se numa das preocupações centrais da actualidade de segurança nacional e internacional. Mas, o que não seria repetitivo nem um muito dizer sem novidade, é pensar que o terrorismo tem tudo para ser invencível por causa justamente das suas diversas formas, ou melhor, por causa da sua contínua inovação e que pode também ser lida, como uma ausência de forma. As razões são muitas e não estamos para discuti-las, mas como o pensar é próprio da admiração e do espanto, choca-nos ver o Egípto e todos os outros países que estão debaixo da mira dos terroristas, viver precisamente à custa do terrorismo. Viver com o medo do dia seguinte, o medo das horas depois.

O Egípto, por causa da intolerância terrorista, decretou três meses de estado de emergência em todo o país, numa altura em que uma boa parte da comunidade cristã celebra a PÁSCOA, o país que durante muito tempo representou o nascimento do cristianismo de várias confissões e de vários tipos de espiritualidade, os seus fiéis cristãos, vivem com o medo de serem identificados como cristãos. Esta religião muito estranha, que muito rapidamente se universalizou, também deveu uma boa parte da sua universalidade ao Egípto e algumas grandes cidades antigas do Egípto entre elas a Alexandria, “que foi durante quase mil anos um centro extraordinário de saber e conhecimento, bem como um local eminentemente cosmopolita de encontro de civilizações e culturas” (José Manuel Anacleto, 2008:19). A própria vivência do cristianismo dos primeiros séculos corresponde e se encaixa bem naquilo que foi a própria Alexandria do século II d. C.

[..., assim é Alexandria no século ii. Para onde quer que olhemos, onde quer que nos encontremos seja qual for o nível a que aí interroguemos a história, descobrimos todas as raças (só os chineses ainda lá não estão), todos os continentes (África, Ásia, Europa), todos os séculos (os do antigo Egipto que lá conserva os seus santuários, os de Atenas e de Roma, os da Judeia, da Palestina e da Babilónia), reunidos nessa cidade, nó do Delta que está para o rio como estão para o homem os pulmões e para a árvore os ramos: lugar por onde respiram, lugar que os inspira]. (Jacques Lacarrière, 2001: 70).

É de certa forma, este lugar, este passado, esta história e esta realidade milenar que os terroristas querem sepultar e dar como companhia a própria sombra do medo, a incerteza, a interrogação de pensar se vale a pena morrer pela fé. Sob invocação de ortodoxia e de um eugenismo religioso, tentam que um islamismo não islâmico seja a referência da religiosidade, seja a **RELIGIÃO** num espaço milenar de multiculturalidade.

[Lá se encontram, associam ou opõem o paganismo egípcio, grego e romano, o cristianismo copta, o judaísmo, as filosofias neoplatónicas, o hermetismo e ainda outros sistemas, misturados por uns em sincretismos efémeros, que outros, especialmente os cristãos,...]. (Jacques Lacarrière, 2001: 73).

O desaparecimento dos cristãos no Egipto seria o desaparecimento de uma parte da história de África, de uma das novidades que a África deu ao mundo, basta pensarmos que há fortes indícios históricos que apontam que os quatro Evangelhos canónicos sejam escritos no Egipto, de modo particular, em Alexandria, isto pode não interessar à fé, mas interessa à história e interessa à reivindicação da história.